

Avaliação: uma prática diferenciada

Autora **Gisele Mânica Pradella***
Orientador **Rui Antonio Piassini****

Resumo

O presente artigo tem como objetivo dialogar sobre o estudo de uma avaliação diferenciada, buscando apontar e discutir alguns desafios e perspectivas que essa ação pedagógica inspira na prática cotidiana junto à implementação da *Matriz Curricular Institucional* (MCI)¹. O foco deste estudo é refletir sobre o processo avaliativo que vem sendo realizado em um Colégio particular, da cidade de Bento Gonçalves/RS. A pesquisa foi realizada a partir de leitura e análise bibliográfica sobre o tema, consultando diferentes autores, como Perrenoud, Hoffmann e Barcelos. Foi utilizada também a aplicação de um questionário junto ao corpo docente do 6º ano Ensino Fundamental e ao 3º ano Ensino Médio, englobando o conceito da palavra “avaliação”, quais os instrumentos avaliativos utilizados na prática docente, o principal objetivo de realizar a avaliação, além dos procedimentos que são utilizados após a aplicação dos instrumentos e, por fim, questionando se a quantidade de instrumentos é suficiente para qualificar a aprendizagem do estudante. A análise dos dados permitiu conhecer a perspectiva dos educadores sobre o conceito e a função da avaliação e refletir sobre os meios para modificar esse processo tão importante na formação dos estudantes.

Palavras-chave: Avaliação. Educador. Processo avaliativo. Formação.

*Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), especialista em Supervisão Escolar, pela Associação Catarinense de Ensino - Faculdade Guilherme Guimbala e em Psicopedagogia Clínica e Institucional, pela UCS.

**Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Diretor do Colégio Marista Assunção em Porto Alegre.

¹Optamos por utilizar a expressão Matriz Curricular Institucional (MCI) com o propósito de, alinhada à Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, em seu artigo 1º Parágrafo Único, assegurar o anonimato do local onde foi realizada esta investigação.

1 · Introdução

O estudo de uma avaliação diferenciada aponta possíveis meios para obtenção de um maior número de aprendizagens significativas no contexto escolar. Tendo isso em vista, é necessário que os educadores repensem e modifiquem a maneira de realizar a avaliação. Para tanto, faz-se importante uma fundamentação teórica sustentável que, aliada à prática, amplia os caminhos da aprendizagem aos estudantes.

Uma adaptação do meio, Colégios e Unidades Sociais, referente ao entendimento e à importância da *Matriz Curricular Institucional* (MCI), é necessária para que ocorra uma aprendizagem prazerosa, uma vez que o educador se sente desafiado a buscar novos conhecimentos e diferentes caminhos para que alcance essa sapiência.

São questões fundamentais quando se pensa com criticidade no processo avaliativo: o que avaliar? Para que avaliar? Quando avaliar? Como avaliar? Quem avaliar? Elas se referem à necessidade de avaliar a aprendizagem do estudante, a metodologia utilizada, a formação do educador, a organização da escola, bem como a administração, a supervisão, a orientação e o sistema de ensino como um todo.

Segundo o *Projeto Educativo do Brasil Marista* (PEBM), “o mundo marista articula diversas instituições educacionais e sociais, com o intuito de formar um coletivo mais abrangente, um trabalho em rede, capaz de conectar o maior número possível de atores nas comunidades educativas” (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2010, p. 39).

Com esse foco, as *Matrizes Curriculares*, que são um referencial político-pedagógico institucional e estratégico para a organização, a articulação, o desenvolvimento e a avaliação das intencionalidades da proposta educativa do Brasil Marista, estão sendo inseridas nos colégios maristas e estudadas pelo corpo docente, para que haja uma unificação de processos, de modo que os estudantes que necessitem de transferência de colégios não se sintam distanciados daquilo que estavam acostumados e se sintam inseridos no currículo.

Não é tarefa fácil educar, nunca foi e jamais será. O importante é que o educador entenda o que está se passando com as crianças e os adolescentes, analise a necessidade de mudanças nos processos, bem como integre, em suas aulas, a proposta do Colégio.

Esta pesquisa apresenta reflexões sobre a avaliação frente às *Matrizes Curriculares* e foi realizada por meio de uma coleta de dados – pesquisa junto aos educadores do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio de um colégio marista, rede hoje presente em mais de 80 países e com mais de 200 anos de atuação a nível mundial. Atualmente, esse Colégio possui mais de 720 estudantes e conta com o trabalho de mais de 100 colaboradores, que atuam diariamente na missão de construir conhecimentos e formar para valores humanos, marcas do jeito marista de educar para a vida.

Inúmeros foram os autores consultados para dar o primeiro passo nesta pesquisa, por meio de uma revisão da literatura sobre o tema “avaliação”. O segundo passo dado foi a aplicação de um questionário junto aos

educadores que compõem o corpo docente do Colégio, no escopo do 6º ano Ensino Fundamenta ao 3º ano Ensino Médio, com o propósito de compreender o entendimento do conceito de avaliação, saber de quais instrumentos o educador faz uso na hora de avaliar, conhecer o objetivo do processo avaliativo, conceber os procedimentos realizados após a aplicação de uma avaliação e, por fim, verificar se o número de instrumentos avaliativos consegue mensurar o real valor da aprendizagem. O terceiro passo foi confrontar os dados e compreender a avaliação como um instrumento de construção do conhecimento.

2 · Entendendo a avaliação

Tudo o que fazemos em nossas vidas é em função de metas preestabelecidas, estudadas, definidas e traçadas no momento do estudo das suas definições, por ações do nosso dia a dia, passando pelo julgamento provisório, da equipe diretiva, do corpo docente e discente e que dirá o padrão de aceitação, das metas estabelecidas dentro de tais ações. Por um lado, se o estudo das metas é embasado nos resultados que temos em mãos, se feito adequadamente, fornecerá indicadores para o prosseguimento das atividades empreendidas. Por outro lado, poderá revelar a transitoriedade e a possibilidade de novos avanços no desempenho do ser humano.

De acordo com o interacionismo, o conhecimento não se dá no sujeito nem no objeto; ele se constrói na interação do todo. Segundo essa teoria, o conhecimento nasce da ação constante e contínua, fazendo com que o sujeito supere o próprio conhecimento que já possui, assimilando a informação (conhecimento) e fazendo a acomodação (internalização do que aprendeu), sendo desafiado a cada novo aprendizado. Considerando esse movimento em relação à construção do conhecimento, a avaliação necessita acompanhá-lo.

O grande diferencial e o desafio de pensar uma avaliação diferenciada, que abarque os conceitos na *Matriz Curricular* está em entender a avaliação como democrática e participativa, não como um fim, mas como um meio para estabelecer novos objetivos. É preciso “Descobrir que avaliar é aprender e que avaliar também se aprende e que todos precisam ter o direito de realizar essa aprendizagem” (BARCELOS, 1998, p. 37). Para Barcelos (1998), a avaliação tem dimensão política e sua principal função é favorecer a melhoria e o crescimento coletivo.

Segundo o PEBM (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2010, p. 89), “a ação de avaliar consiste num processo que deve ser sistemático, compartilhado e demanda assertividade, organização, sensibilidade e criticidade”. Em todos os momentos, estamos aprendendo e ensinando; e uma avaliação diferenciada tomará outras dimensões no momento em que fugir dos padrões utilizados até o momento, embarcando em uma nova proposta de avaliação, sempre com a função de favorecer a melhoria e o crescimento do processo de ensino e aprendizagem, tendo como finalidade principal o acompanhamento contínuo e reflexivo do processo.

A avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do que está sendo avaliado, fato que implica uma tomada de posição a respeito do objeto da avaliação, para aceitá-lo ou para

transformá-lo. “A definição mais comum adequada estipula que a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão” (LUCHESE, 1978, p. 42).

Um educador que se preocupa que sua prática educacional esteja voltada para a transformação não poderá agir sem pensar e sem planejar. Cada passo de sua ação deverá estar marcado por uma noção clara e explícita do que está fazendo e para onde possivelmente estão caminhando os resultados de sua prática pedagógica. A avaliação, nesse contexto, não poderá ser uma ação mecânica, pois seus estudantes não são iguais, possuem progressos diferenciados.

O ato de avaliar não é um julgamento “definitivo” do estudante, mas sim um indicador, para o educador, de um caminho a trilhar. Nesse sentido, é necessário discernir quais as dificuldades que são do próprio estudante e quais foram causadas por práticas e processos pedagógicos equivocados do docente. Toda a avaliação requer ações correspondentes, no sentido do aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem.

No Projeto Educativo do Brasil Marista, o currículo é aberto às diferentes formas de pensar e viver o mundo, configura-se como um mapa-roteiro conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível a modificações, assemelhando-se a uma teia ou rede. (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2010, p. 60)

Percebemos que os educadores estão muito preocupados com a metodologia, pois, seguidamente, solicitam algumas “receitas de avaliação diferenciadas”. Contudo, vale ressaltar que uma receita pronta de “como avaliar” não existe, pois esse processo deve ser construído na prática pedagógica do dia a dia. A avaliação é um processo contínuo, no qual o educador e o estudante trabalham unidos para a construção do seu itinerário formativo, tornando este último protagonista dos seus ensinamentos e estudos.

Portanto, de nada valem as orientações da Coordenação Pedagógica e as trocas com os demais colegas se não estiverem fundamentadas em uma concepção inovadora de avaliação. O “como fazer” é decorrente do “por que fazer”. Então a pergunta fundamental é: por que avaliamos? Ou, para quem avaliamos? Se as respostas a essas questões não possuírem como enfoque principal o estudante enquanto ser social e político, sujeito do seu próprio desenvolvimento, de nada valerão as inovações que vierem a ser introduzidas nos colégios e nas unidades sociais.

Para Haetinger (2010), é preciso pensar a avaliação globalmente, valorizando as experiências e a caminhada de cada indivíduo, buscando avaliações mais eficazes e reais na educação presencial. Por meio dos próprios estudantes, organizados em grupos de escuta e estudo, diálogo e trocas, podemos descobrir novas formas de ensinar e aprender e, conseqüentemente, novos instrumentos, métodos e atitudes avaliativas.

Da mesma forma, se a resposta a essas questões for uma preocupação de indivíduos isolados, de pequenos grupos ou de alguns administradores, o esforço por igualdade e respeito a todos poderá se perder. A reconstrução da avaliação não acontecerá por experiências isoladas ou fragmentadas, mas por uma ação

continuada e que ultrapasse os muros das instituições de ensino, bem como de educadores que resistem à mudança de metodologia e forma de avaliar.

Por meio de diferentes leituras, pode-se entender a avaliação por duas posturas, que se opõem naturalmente. Uma delas, a avaliação classificatória, traz como pressuposto de prática a correção de tarefas e provas dos estudantes para verificar respostas certas e erradas e, com base nessa verificação periódica, tomar decisões quanto ao aproveitamento escolar dos estudantes, sua aprovação em cada ano de ensino, tornando-se uma prática de avaliação tradicional. Apresenta-se, neste contraponto, a avaliação mediadora, cujo pressuposto é analisar teoricamente as várias manifestações dos estudantes em situação de aprendizagem (verbais, escritas, relações, atos e brincadeiras) para acompanhar as hipóteses que eles vêm formulando a respeito de determinados assuntos, em diferentes áreas de conhecimento, de forma a exercer uma ação educativa que lhes favoreça a descoberta de melhores soluções ou reformulação de hipóteses preliminares formuladas.

Seguindo nessa linha de pensamento, as *Matrizes Curriculares de Educação Básica do Brasil Marista* (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2016) relatam que a avaliação contempla três modalidades de fundamental importância: diagnóstica, formativa e somativa. A diagnóstica é realizada com os estudantes no início do período letivo, bem como no momento de construção de novos saberes, novas aprendizagens. Já a modalidade formativa se dá de acordo com o desenvolvimento do sujeito, com a interação com o objeto e nos ajustes necessários para as tomadas de decisões do processo de aprendizagem. A modalidade somativa, por sua vez, busca estabelecer uma apreciação sobre a aprendizagem que foi construída, com base em critérios definidos.

O educador deve preocupar-se com a concepção dinâmica e evolutiva do conhecimento, da descoberta por ensaio e erro, nas fases de *input*, elaboração e *output*, segundo a teoria de Reuven Feuerstein. A função cognitiva de *input* (entrada) é guiada pela absorção dos detalhes colhidos na apresentação inicial. A elaboração tem em vista que o estudante “percebeu” e “definiu” o que foi apresentado, sendo necessário que o estudante relacione os dados recebidos demonstrando compreensão. A fase de *output* (saída) é a demonstração do entendimento ou a ação de chegar a um resultado final.

Na tomada de consciência sobre o fazer, muito mais que a preocupação com resultados imediatos e precisos ou fórmulas definitivas e únicas apresentadas, é importante o entendimento sobre aquilo que foi trabalhado com os estudantes, a avaliação propriamente dita. Isso não significa aceitar tudo o que o estudante fala ou faz porque é interessante ou mesmo bonito. Considerar e valorizar não significam observar e deixar como está ou acreditar que um dia o estudante fará a descoberta de uma nova proposta de instrumento ou processo avaliativo, sozinho.

Pelo contrário, o “considerar” exige do educador a reflexão teórica e prática necessária para o planejamento de situações problemas e desafiadoras ao estudante que favoreçam as suas descobertas, o seu aprofundamento em determinada área do saber. Exige também respeitá-lo como um indivíduo em desenvolvimento, passível de erros, e entender que o ritmo de aprendizagem é individualizado e ritmado, não uma produção em série.

3 · O desafio da avaliação

A avaliação da aprendizagem necessita, para cumprir seu verdadeiro significado, assumir a função de auxiliar a construção da aprendizagem bem-sucedida. Para que isso aconteça, é necessário que a avaliação deixe de ser utilizada como uma forma de autoridade e assuma seu verdadeiro papel de auxiliar no crescimento e no desenvolvimento dos estudantes. Para Satinback e Satinback (1999, p. 264), “O desafio mais difícil da avaliação para uma escola é fundir a filosofia e as práticas de valorização das necessidades de aprendizagem de todas as crianças com uma expectativa de excelência de aprendizagem igualmente valiosa”.

Os estudantes não devem ser vistos como algo segmentado, mas sim como um todo, pois, dentro de uma escola, a filosofia deve ser o ponto de partida da prática educacional, visando à interação entre estudante e o educador para promover o êxito da aprendizagem, como traz o PEBM (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2010, p. 44): “O jeito marista de educar pressupõe o exercício do amor, da evangelização, da solidariedade e da constante busca por práticas criativas e significativas que atendam às exigências formativas do estudante, considerando sua realidade”.

Podemos verificar que, no cotidiano, tanto em atitudes simples como nas mais complexas, a avaliação é vista como a busca pela obtenção de resultados satisfatórios. Em todos os momentos, em qualquer lugar, tudo passa por uma avaliação, cujos resultados devem ser satisfatórios. Ela é um ato de investigar a qualidade dos resultados intermediários ou finais de uma ação, almejando sempre sua melhora e sendo positiva.

Sabemos que muitos educadores que trabalham em uma perspectiva mediadora da avaliação apontam que, em situações não denominadas de “provas”, os estudantes demonstram melhor desempenho do que em dia de “provas marcadas”. O que se dirá, portanto, da tradicional frase “Prestem atenção, porque vale nota!” ou dos carimbos, recadinhos e estrelinhas presentes somente em alguns cadernos, por exemplo?

A avaliação no ensino assumiu a prática de “provas e exames”, o que gerou outro rumo para o uso dos instrumentos de avaliação. Em vez de serem utilizados para a construção de resultados satisfatórios, tornaram-se um meio para classificar os estudantes e decidir sobre seus destinos, deixando de ser um meio de auxiliá-los no seu crescimento pessoal e profissional.

A avaliação não deve ter como missão classificar, hierarquizar, selecionar, reprimir, aprovar ou reprovar. Deve ser entendida como um diagnóstico a serviço das necessidades de conhecimento e crescimento do estudante. As *Matrizes Curriculares de Educação Básica do Brasil Marista* são muito claras quando trazem o conceito de heteroavaliação e a autoavaliação, que busca uma avaliação coerente com a proposta educativa emancipatória, na qual se interligam a autoavaliação do ensino (feita pelo professor) e a autoavaliação da aprendizagem (feitas pelo estudante).

Luckesi (1980, p. 171) enfoca a avaliação como “ato amoroso”, no qual o educador, em parceria com os estudantes, diagnostica as tentativas de acertos e busca ajustes qualitativos no processo de aprendizagem.

Segundo o fundador da obra Marista, São Marcelino Champagnat, já deixava o legado de que “para bem educar uma criança é preciso, antes de tudo, amá-la”. Afinal, o amor é um ato fundamental no processo de ensino e aprendizagem, pois, se o estudante se sentir amado e bem querido pelos seus educadores, o ato de se sentir avaliado e de avaliar seriam vistos, analisados e sentidos de outras formas. Em tempos atuais, a avaliação vem sendo um tema muito estudado e debatido nas instituições de ensino pois visa “olhar” o estudante como um todo, entendendo e trabalhando seus limites e celebrando seus avanços.

4 · Mudanças necessárias na prática da avaliação

Dar suporte para mudança, caso haja necessidade, e acolher a situação é a base da avaliação que buscamos. O diagnóstico de avaliação é claro quando estamos incluindo o estudante, sanando suas dúvidas e verificando o que ele assimilou em relação ao conteúdo trabalhado. Para Perrenoud (1999, p. 15), “O diagnóstico é inútil se não der lugar a uma ação apropriada. Uma verdadeira avaliação formativa é necessariamente acompanhada de uma intervenção diferenciada”.

As *Matrizes Curriculares* Institucionais também trazem, em seu texto-base, dentro das Finalidades, que a avaliação deve acontecer em um processo contínuo e reflexivo, abrangendo diferentes meios para a validação desse processo necessário e fundamental dentro da nossa instituição de ensino.

Em nossa prática escolar, usamos a denominação “avaliação” e acabamos por praticar sempre as provas e exames, uma vez que são mais compatíveis com o exigido pelo senso comum e, por isso, mais fáceis de serem executadas. Provas e exames implicam julgamento, mas a avaliação diferenciada, que é aquilo que buscamos, pressupõe acolhimento, tendo em vista a transformação. As finalidades e funções da avaliação da aprendizagem são diferentes das funções das provas e exames.

O sistema de avaliação é um dos focos principais de crítica da sociedade em relação à escola, uma vez que se constitui em competente e decisivo na questão de resultados, ou seja, no produto obtido. Enfim, a crença popular é que os educadores tendem a ser menos exigentes do que tradicionalmente o são e que as escolas não oferecem o ensino competente à semelhança das antigas gerações, fruto de resultados de avaliações externas (Exame Nacional do Ensino Médio [Enem], Sistema de Avaliação Marista [Sima], etc.²).

É preciso atentar para o fato de que uma escola de qualidade é a que dá conta, de fato, de todos os estudantes, concebidos em sua realidade concreta. O caminho para o desenvolvimento é uma educação igualitária, que acolha os filhos dessa geração em conflito e projete essa geração no futuro, conscientes de seu papel numa possível transformação. Nesse contexto, é interessante pensar como os educadores reagem a inovações que digam respeito à metodologia tradicional de aplicação de provas e atribuições de notas/conceitos ou de um valor aos estudantes.

²Desde o ano de 2011, a instituição realiza o próprio sistema de avaliação em larga escala por meio do Sistema de Avaliação Marista (Sima). O projeto pedagógico direcionado aos estudantes do 5º e 9º anos do Ensino Fundamental e ao 3º ano do Ensino Médio avalia a eficiência dos processos educativos no contexto escolar, por meio da aplicação de provas.

Analisamos os resultados do questionário aplicado aos educadores que compõem o corpo docente de um colégio marista, do 6º ano Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, o qual apresentou cinco questões de múltipla escolha (sendo uma com a possibilidade de justificar a resposta). Podemos observar as considerações em cada questão a seguir apresentada.

Fazendo a análise das respostas dos educadores, na questão de número um, que dizia respeito à qual seria o objetivo da avaliação, a maioria dos educadores tem como conceito que avaliar é medir o conhecimento do estudante, testar o que ensinou e o que ele aprendeu e também uma forma de despertar o estudante para a aula. De acordo com a Matriz Curricular (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2016), o processo avaliativo do ponto de vista docente, deve servir para analisar e compreender as estratégias de aprendizagem utilizadas, acompanhar e comunicar os resultados do processo de aprendizagem. Sendo assim, podemos entender que os educadores ainda necessitam encontrar diferentes caminhos para o alcance dos bons resultados dentro do processo de avaliação, dependendo de uma abertura pessoal e coletiva, com quebra de paradigmas.

Os educadores, em geral, debatem muito sobre “como fazer a avaliação” e sugerem metodologias diversas; antes, entretanto de compreender verdadeiramente o sentido da avaliação.

Gráfico 1: Resultados para a pergunta de número um.

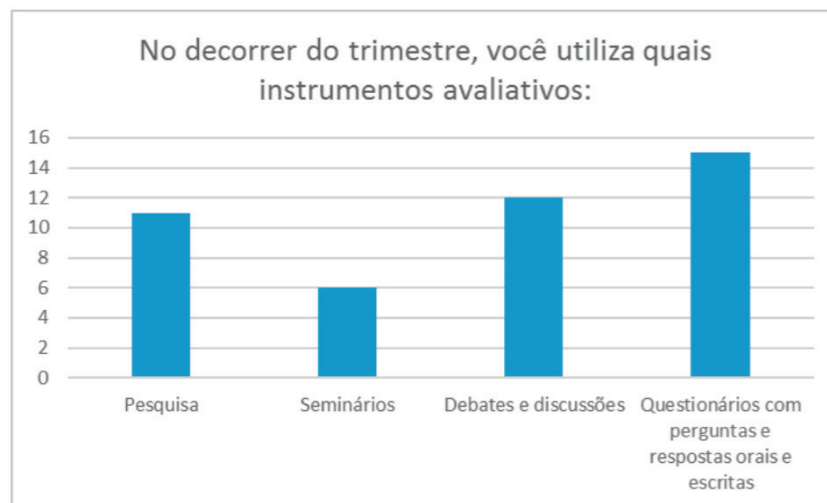


Fonte: Pesquisa do autor.

A questão de número dois refere-se aos instrumentos avaliativos que o educador utiliza na sua prática, uma vez que utilizar diferentes técnicas e instrumentos variados mostra-se possível e permite progredir no processo avaliativo, indo ao encontro das estratégias e dos instrumentos sugeridos na Matriz Curricular

(UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2016), que apresenta a modalidade formativa e somativa da avaliação. Esse processo acaba levando o educador ao desafio de provocar em seus estudantes diferentes situações que contribuam para o itinerário formativo.

Gráfico 2: Resultados para a pergunta de número dois.



Fonte: Pesquisa do autor.

A avaliação na escola alcança um significado próprio e universal, muito diferente do sentido que se atribui a essa palavra no dia a dia. Podemos identificar, nas respostas à questão de número três, que o objetivo final dos educadores ao realizar uma avaliação é de verificar se o processo de ensino e aprendizagem realmente se efetivou, medindo o nível de conhecimento obtido pelos estudantes, como também ver o que o educador ensinou. De acordo com Hoffmann (2001), é importante que se respeite o saber elaborado pelo estudante, espontâneo, partindo de ações desencadeadoras de reflexão sobre tal saber, desafiando-o a evoluir, encontrar novas e diferentes soluções às tarefas sucessivamente apresentadas pelo professor.

O processo contínuo e construtivo do saber é a própria avaliação, é uma ação inseparável do fazer pedagógico, didático e de gestão da aprendizagem dos estudantes.

O *feedback* sobre a avaliação aplicada foi a opção que os educadores mais assinalaram ao responder à questão de número quatro, o que demonstra que ele é responsável pelo processo avaliativo, podendo mensurar o que aprendeu por meio de diferentes instrumentos e não somente de provas, evidenciando o domínio ou não dos pré-requisitos necessários que seus estudantes devem apresentar para sugerir novos desafios.

Gráfico 3: Resultados para a pergunta de número quatro.



Fonte: Pesquisa do autor.

Vemos, por meio das respostas à questão de número cinco, que faz referência ao abastamento de instrumentos utilizados pelos educadores, que apenas três educadores assinalaram a alternativa de que os instrumentos utilizados são suficientes para mensurar o real valor da aprendizagem. A grande maioria, baseado nos documentos maristas, relata que a quantidade de instrumentos não é suficiente para medir a aprendizagem dos estudantes.

A avaliação tem o pressuposto de diagnosticar, informar e favorecer o desenvolvimento individual de cada estudante. Portanto, deve ser utilizada na construção do conhecimento e no desenvolvimento de competências, oportunizando a ação e a reflexão dos estudantes, transformando-os em cidadãos críticos, criativos, descobridores, observadores e acima de tudo, protagonistas.

5 · Considerações finais

Ao concluir este estudo, percebemos que ainda falta a alguns educadores um olhar diferenciado para cada um dos seus estudantes, um olhar que investigue e reflita sobre qual as suas formas de aprender, proporcionando, assim, a avaliação como parte construtiva do processo de ensino-aprendizagem.

A avaliação não ajuda aqueles que já conseguiram. Quando o sucesso não é obtido, é preciso entender o que e por que algo não funcionou direito, descobrir onde está a falha. Isso implica analisar o desempenho dos estudantes, ao que chamamos de avaliação formativa. Segunda a Matriz Curricular (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2016), a avaliação formativa direciona o olhar atento para o desenvolvimento do sujeito, na interação com o objeto e visa à tomada de decisões sobre ajustes necessários ao processo de aprendizagem.

Precisamos pensar na avaliação como subsídio de um processo que deve ser contínuo e cumulativo,

como se refere Luckesi (2003, p. 11), segundo o qual: “Passamos a denominar a prática de acompanhamento da avaliação da aprendizagem do educando de ‘Avaliação da aprendizagem escolar’, mas, na verdade, continuamos a praticar “exames”. A avaliação escolar tem dupla importância: a social e a individual. Ela nada mais é do que um contrato de confiança entre a sociedade, as escolas e os estudantes. Por outro lado, é imprescindível para o estudante, pois fragmenta e marca suas aprendizagens, preocupando-se com o processo, a quantidade e a qualidade da aprovação. Ela precisa estar a serviço da aprendizagem, porém, a aprendizagem não se faz de uma vez só. Partindo desse pressuposto, é importante que os educadores percebam e se sintam parte desta mudança no conceito de avaliação frente às *Matrizes Curriculares*, com o desafio de provocar situações que favoreçam a reflexão sobre o processo avaliativo dentro do colégio marista.

Assim, é importante criar estratégias para os caminhos que devem ser seguidos nesta nova etapa e neste processo de implementação das *Matrizes Curriculares*. Deve haver uma mudança na postura em relação à transmissão direta do conhecimento para a construção coletiva, isto é, deve haver mudança no desenvolvimento da competência didática de cada educador marista – quantidade de instrumentos avaliativos aplicados, mas pelas relações da apropriação do saber valorizado, avaliando-se a qualidade daquilo que os estudantes produzem – competências e habilidades.

A mudança é inevitável, o crescimento é opcional. A resposta para tudo isso é enfrentar, ter diferentes opções e dar oportunidades. Isso está em nossas mãos, pois, se o educador estiver munido e assistido pela prática pedagógica da avaliação diferenciada, conseguirá transformar o seu ponto de vista e, principalmente, o dos estudantes, sobre o processo avaliativo.

O processo de avaliação diferenciado e de aprendizagem reflexiva deve fazer parte do perfil dos educadores maristas. Somente assim conseguiremos provocar situações que favoreçam a descoberta, tornando os estudantes profissionais comprometidos, qualificados e diferenciados.

Referências

BARCELOS, Eronita Silva. **Avaliação para a cidadania**. Curitiba: Editora, 1998.

HAETINGER, Max. **Professor Max em revista!** Criatividade, tecnologia, aprendizagem, avaliação e muitos outros olhares registrados por este educador. Max Haetinger. Curitiba: Editora Melo, 2010.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática**. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Compreensão filosófica e prática educacional: a avaliação em educação. In: **Filosofia e ação educativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mimeo, 1980. P.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Projeto Educativo do Brasil Marista: nosso jeito de conceber a educação Básica**. Brasília, DF: Umbrasil, 2010.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Tessituras do currículo Marista: matrizes curriculares de educação básica**. Curitiba: PUCPress, 2016.